



COE da avicultura sobe 2,4% no primeiro quadrimestre de 2016

Por Marcos Iguma, Camila Ortelan, Victor Kamiguchi e Pedro de Lima

Levantamento realizado pelo Cepea, em parceria com a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), mostra que o Custo Operacional Efetivo (COE) da avicultura brasileira subiu 2,44%, no acumulado do primeiro quadrimestre de 2016 e o Custo Operacional Total (COT), 1,62%, considerando-se a “média Brasil”, que engloba os estados de Minas Gerais (MG), São Paulo (SP), Mato Grosso (MT), Mato Grosso

do Sul (MS), Bahia (BA) e Goiás (GO).

Os desembolsos com mão de obra aumentaram, na “média Brasil”, 7,55% nos quatro primeiros meses deste ano, para avicultores que atuam no sistema de produção integrado, predominante no setor. O desembolso com serviços terceirizados também cresceu, 3,77%. As despesas administrativas, por sua vez, tiveram alta de 3,24%, impulsionadas

pelos maiores gastos com contabilidade, material de escritório, seguro, entre outros.

Já os gastos com combustíveis tiveram aumento de 1,59%, também no acumulado do primeiro quadrimestre. De janeiro de 2014, início dos levantamentos de custos de aves realizados pelo Cepea/CNA, a abril de 2016, as cotações dos combustíveis subiram, em média, 25%.

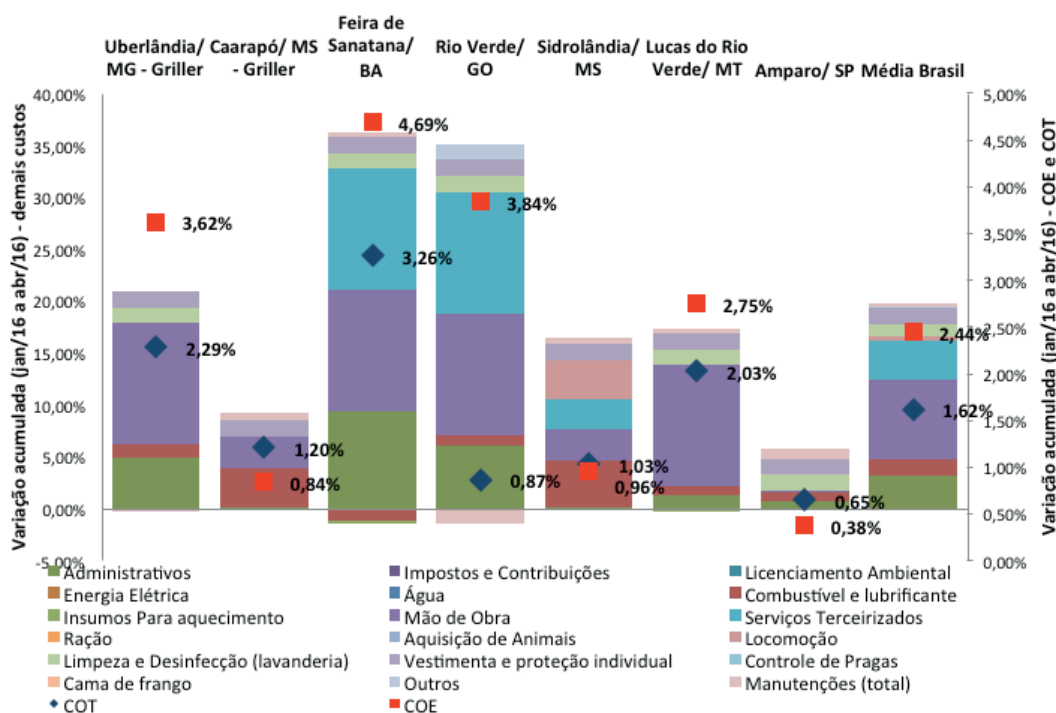


Gráfico 1: Variação acumulada dos custos de produção avícola no primeiro quadrimestre do ano. Fonte: Cepea/CNA.

Para a agroindústria, os elevados preços dos insumos para nutrição animal (milho e farelo de soja) preocupam. Além disso, grande parte das empresas enfrentam dificuldades para encontrar milho disponível para compra. A saída para algumas indústrias foi importar o

grão da Argentina e do Paraguai, nos primeiros meses de 2016.

Principal componente da ração avícola, o milho se valorizou expressivos 110% em maio, em relação ao mesmo período do ano passado, na média das re-

giões acompanhadas pelo Cepea (valores deflacionados). A forte alta se deve a menor oferta do grão disponível no mercado interno, reforçada pelo bom desempenho das exportações diante do dólar valorizado.

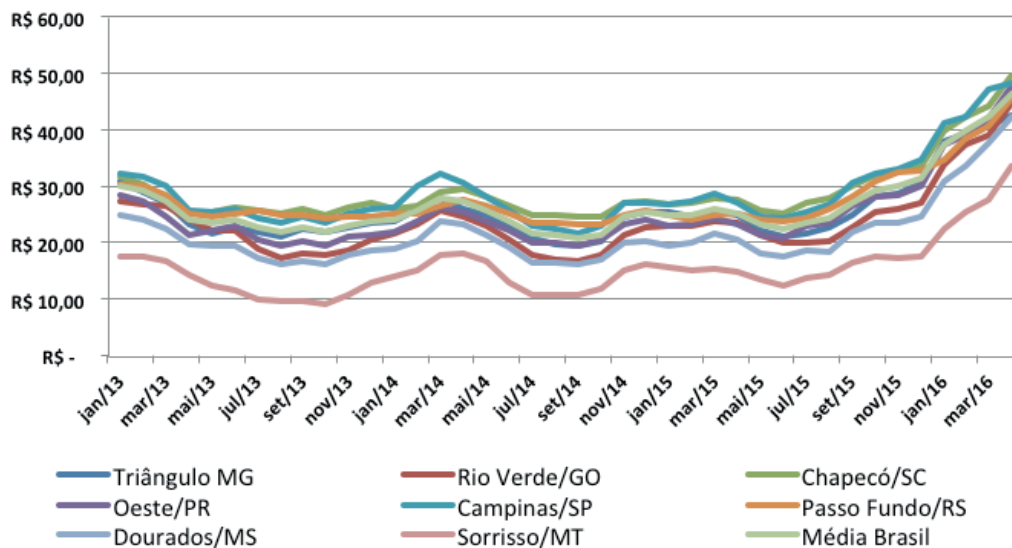


Gráfico 2: Preços do milho entre jan/13 e mar/16 – Em R\$/sc 60kg | Fonte: Indicador Cepea/BMF

PRODUÇÃO – Dados da Associação dos Produtores de Pintos de Corte (Apinco) indicam que o número de animais (pintainhos de 1 dia), alojados em 2016,

apresentou quantidade bastante superior à de anos anteriores. As exportações de carne de frango cresceram 10,9% no primeiro quadrimestre de 2016 em

relação a igual intervalo de 2015 – dados da Secex – e vinham incentivando a produção nacional.

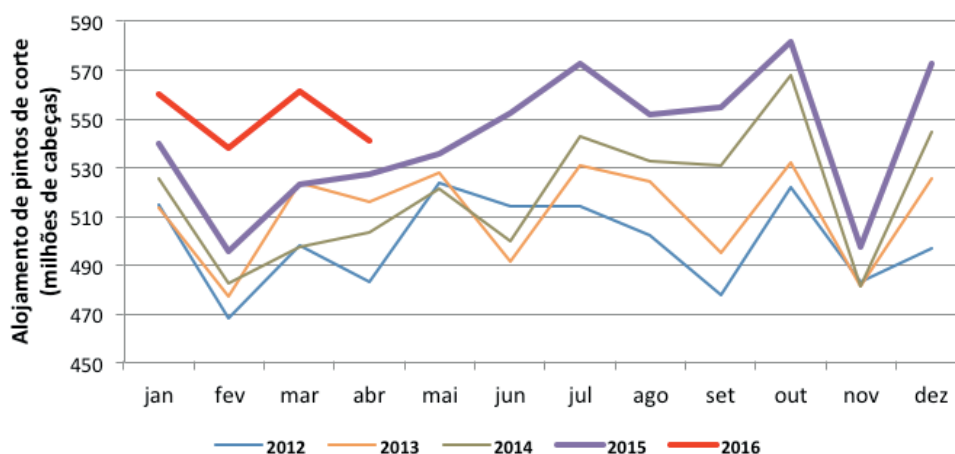


Gráfico 3: Alojamento mensal de pintos de corte. | Fonte: Elaborado por Cepea/CNA, com dados da APINCO.

Ocorre que, mesmo sendo a opção mais em conta que as carnes substitutas (bovina e suína) e atraindo maior número de consumidores nesse momento de crise econômica no País, a demanda brasileira pela carne de frango ficou aquém da esperada no período. Assim,

houve excesso de oferta de carne no mercado atacadista, pressionando as cotações, dados do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) mostram que o volume, resultado do abate de animais nessa mesma comparação, aumentou 3,1%.

Diante desse cenário e sem perspectivas de melhora, no curto prazo, as integradoras optaram por reduzir os alojamentos de pintainhos. Em abril houve queda de 3,64% no número de cabeças alojadas.

Frango griller e convencional: um comparativo da produção integrada

Por Marcos Iguma, Camila Ortelan e Victor Kamiguchi

A taxa de mortalidade de aves produzidas em granjas de sistema convencional corresponde a 2,68%, enquanto para o frango tipo “griller”, a média é de 4,69%. O resultado foi obtido pelo Cepea, em parceria com a CNA, na comparação entre as duas modalidades de criação, nas regiões da

Média Brasil (MG, SP, MT, BA, MS e GO).

A mortalidade mais elevada na produção convencional se deve, principalmente, ao maior tempo de vida dos animais e a maior quantidade de peso aglomerado por metro quadrado de galpão, o que au-

menta os riscos sanitários e episódios de lesões.

Frangos convencionais são produzidos no Brasil em ciclos de 42 a 45 dias, sendo abatidos com peso médio entre 2,4 e 2,8 quilos. O frango *griller*, por sua vez,

permanece de 25 a 30 dias na granja, ou seja, até 15 dias menos, pesando entre 1,2 kg e 1,5 kg no momento do abate (Tabela 1).

Dados referentes à taxa de conversão alimentar (consumo de ração pelo ganho de peso) nos dois sistemas de produção também mostram que o perfil da criação

deve incentivar o ganho de peso mais acelerado no caso das aves *griller*.

Quadro 1: Média dos índices zootécnicos do frango convencional e griller.

	Griller	Convencional
Nº de aves alojadas (aves/lote)	48.000	66.000
Nº de lotes ao ano	8,11	6,00
Peso de abate (kg)	1,55	2,8
Área do galpão (m ²)	3.808	4.500
Peso por lote (kg)	102.300	184.800
Densidade (frangos/m ²)	17,33	14,66666667
Densidade (kg/m ²)	26,86	41,07
Idade de abate (dias)	30,00	45,00
Vazio sanitário (dias)	15,00	15,00
Mortalidade no lote (%)	2,68%	4,69%
Nº de aves entregues/ano	535.333	401.500
Aves entregues/ano (kg/ano)	829.767	1.124.200

Fonte: Cepea/CNA.

Conhecido por apresentar melhor acabamento de carcaça, o frango *griller* brasileiro é exportado principalmente para países do Oriente Médio e da Europa, que têm exigido cada vez mais certificações de bem-estar animal (redução de densidade populacional nos galpões, acesso ao alimento, uso de medicamentos, etc), além de tamanho reduzido das aves e de conformação de carcaça diferenciada (camada de gordura, uniformidade dos animais, cor da carne e gordura, espessura de gordura, etc). No caso do *griller*, as exigências são ainda maiores, por ser comercializado inteiro - retiram-se apenas as vísceras e a cabeça, podendo receber maiores bonificações de carcaça na entrega dos lotes.

Em contrapartida, ainda que crie mais frangos por metro quadrado (17 aves/m² enquanto o convencional atinge de 12 a

15) e utilize a mesma linhagem genética, o produtor de frangos *griller* não entrega, ao final de um ano, a mesma quantidade de quilogramas-vivos em comparação com o produtor que adota o sistema convencional. Essa diferença de peso entregue reflete também na remuneração do produtor.

É importante ressaltar que o perfil das granjas também é diferente. O Quadro 1 mostra que os galpões são menores nas granjas especializadas em *griller*. Isso acontece porque a demanda da agroindústria por esse produto, segundo agentes do setor, é mais restrita. Mesmo existindo demanda externa para o produto, os embarques são limitados e, geralmente, integram uma cesta específica de compra.

Sob a ótica da estratégia do produtor, o

ciclo curto do frango *griller* pode limitar campanhas de controle de doenças, além de exigir maior atenção em relação ao arração, temperatura, lesões e ganho de peso. Eventuais falhas na distribuição de ração, água, medicamentos e no controle das condições climáticas dos galpões prejudicam os resultados zootécnicos, provocando redução na lucratividade do granjeiro.

A decisão de se produzir aves *griller* ou convencionais é iniciativa da agroindústria e não do produtor. O câmbio, a demanda internacional e a capacidade de abate são alguns dos fatores que influenciam esse processo decisório. Cabe ao produtor, portanto, garantir um manejo correto dos lotes, seguindo sempre as boas práticas de criação, para garantir aves saudáveis e com boa qualidade.

Custo com energia cai até 9% para avicultor integrado

Por Marcos Iguma, Camila Ortelan e Victor Kamiguchi

Os gastos de avicultores integrados com energia elétrica caíram no primeiro quadrimestre de 2016, refletindo as reduções na bandeira tarifária, de vermelha para amarela, em fevereiro, e de amarela para verde, em abril. Segundo levantamento do Cepea, feito em parceria com a CNA, a redução foi de 8,82% em Lucas do Rio Verde (MT) e de 0,78% em Feira de Santana (BA), no acumulado dos quatro primeiros meses deste ano – Quadro 1.

Painéis:	Varição acumulada (jan a abr/16):
Feira de Santana/BA	-0,78%
Rio Verde/GO	-8,80%
Sidrolândia/MS	-2,26%
Lucas do Rio Verde/MT	-8,82%
Amparo/SP	-2,54%

Fonte: Cepea/CNA.

A Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) destaca que a queda na bandeira tarifária de energia elétrica ocorreu em todos os estados brasileiros. Ao mesmo tempo, algumas concessionárias de distribuição de energia, como a CPFL/SP (Companhia Paulista de Força e Luz),

a Coelba/BA (Companhia De Eletricidade Do Estado Da Bahia) e a EMS/MS (Energisa Mato Grosso Do Sul - Distribuidora De Energia S.A), aplicaram reajuste na tarifa de distribuição, limitando os efeitos positivos da medida da Aneel ao produtor. O maior aumento desse tipo de tarifa

foi para o avicultor de Feira de Santana (BA), 10,72%. Em segundo lugar estão Sidrolândia (MS) e Caarapó, em Mato Grosso do Sul, com elevação de 7,19%. Já em Amparo (SP), o reajuste foi 7,15%, conforme dados do Cepea/CNA.

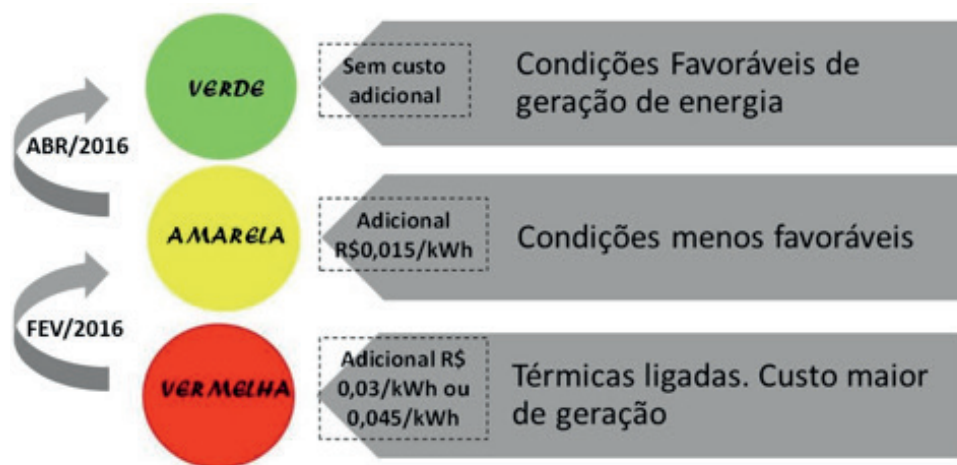


Figura 1: Resumo de bandeiras tarifárias de energia elétrica. | Fonte: Cepea/CNA.

O sistema de bandeiras tarifárias começou a funcionar em 2015, como uma forma de recompor os gastos extras com a compra de energia de usinas termelétricas. Com a seca, as hidrelétricas passaram a gerar menos energia, e as termelétricas, cujo custo de geração é mais caro, foram acionadas. As cores das bandeiras (verde, amarela ou vermelha) indicam o custo da energia, em função das condi-

ções de geração de eletricidade.

Em 2016, a redução das bandeiras foi bem recebida por produtores rurais, tendo em vista os custos elevados verificados no ano passado. Em Amparo (SP), a participação da energia elétrica nos custos operacionais de avicultores típicos dessa região caiu 33,1%, nos quatro primeiros meses deste ano, em compara-

ção com o mesmo período do ano passado. Em Uberlândia (MG), a queda foi de 25,3%, enquanto em Lucas do Rio Verde (MT) chegou a 29,8%. Por outro lado, itens como mão de obra, combustíveis e manutenção de benfeitorias e equipamentos, ampliaram a participação na formação do COE.

Quadro 2: Participação e variações do custo da energia elétrica no COE da avicultura para os painéis realizados em 2014.

Painéis:	2015					Variação no 1º quadrimestre	2016				Variação no 1º quadrimestre
	Participação do custo com energia no COE				Participação do custo com energia no COE		Participação do custo com energia no COE				
	jan	fev	mar	abr			jan	fev	mar	abr	
Lucas do Rio Verde/MT	22,71%	22,55%	27,08%	26,52%	20,85%	25,16%	24,55%	24,00%	23,36%	-9,67%	
Amparo/SP	6,92%	10,52%	9,69%	9,32%	40,85%	8,92%	8,63%	8,40%	8,44%	-5,74%	
Uberlândia/MG - Griller	17,97%	17,92%	21,50%	22,29%	28,08%	20,88%	20,38%	19,92%	19,46%	-10,07%	

Fonte: Cepea/CNA.

Quadro 3: Participação e variações do custo da energia elétrica no COE da avicultura para os painéis realizados em 2015.

Painéis:	2016					Variação no 1º quadrimestre
	Participação do custo com energia no COE				Participação do custo com energia no COE	
	jan	fev	mar	abr		
Caarapó/MS - Griller	13,46%	13,08%	12,43%	12,79%	-5,71%	
Feira de Santana/BA	15,28%	14,82%	14,35%	15,15%	-5,29%	
Rio Verde/GO	10,47%	10,19%	9,91%	9,63%	-11,44%	
Sidrolândia/MS	14,38%	13,99%	13,29%	13,72%	-5,46%	

Fonte: Cepea/CNA.

Ovo teve peso maior que o frango no cálculo da inflação no primeiro quadrimestre de 2016

Por Camila Ortelan, Guilherme Nunes Torga, Ananda Shieh Basotti, Augusto Maia e Nicole Rennó Castro

Dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que a inflação brasileira, medida pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), acumulou alta de 3,25% nos quatro primeiros meses de 2016. Desse total, o ovo participou com 2,03%, enquanto o peso da carne de frango (inteiro e pedaços) não chegou a 1%.

O aumento nos preços do milho foi repassado de forma mais direta para os ovos do que para o frango, dada à estrutura da cadeia produtiva. É importante destacar que, no caso da avicultura de postura, a indústria não funciona como elo intermediário entre o produtor e o distribuidor.

Em Bastos (SP), principal região produtora do País, a caixa com 30 dúzias de ovo, tipo extra branco, vendida no atacado, valorizou expressivos 27%, de janeiro até meados de março, quando foram registrados os maiores preços históricos para o produto. As médias de março, de R\$ 82,74 por caixa, no caso do ovo branco, e de R\$ 95,73 a caixa para o ovo vermelho, foram as maiores, em termos nominais, da série Cepea, iniciada em 2013 para ambos os produtos. Apesar das valorizações, o ovo continua sendo uma fonte relativamente barata de proteína e tem sido alternativa na refeição diária do brasileiro.

Nos últimos anos, vem sendo comum o

ovo pesar mais no IPCA nos primeiros meses, especialmente em março, quando os preços tendem a se elevar. Além da redução na oferta, reflexo dos descartes de galinhas poedeiras, intensificados por conta dos custos de produção elevados, a demanda aquecida (volta às aulas e Quaresma) também contribuiu para impulsionar as cotações.

Apesar do menor peso no índice geral em relação ao frango – cerca de um quarto da ponderação da soma do frango inteiro e em pedaços –, o subitem ovos de galinha do IPCA oscilou muito acima do subitem frango. Enquanto o ovo de galinha teve alta de 3,83%, a carne subiu apenas 0,48%.

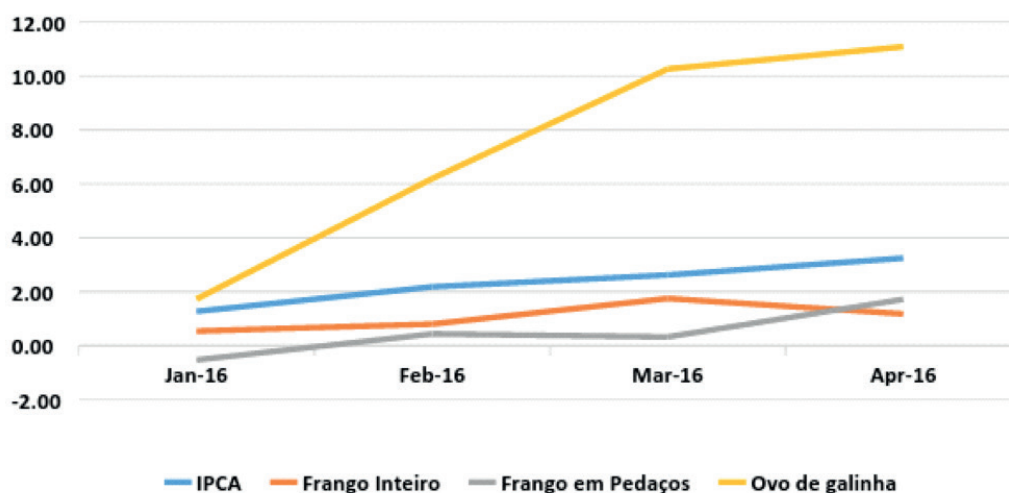


Gráfico 1. Variação do IPCA e de subitens selecionados, entre janeiro e abril de 2016. | Fonte: IBGE. Elaboração: Cepea/Esalq-USP

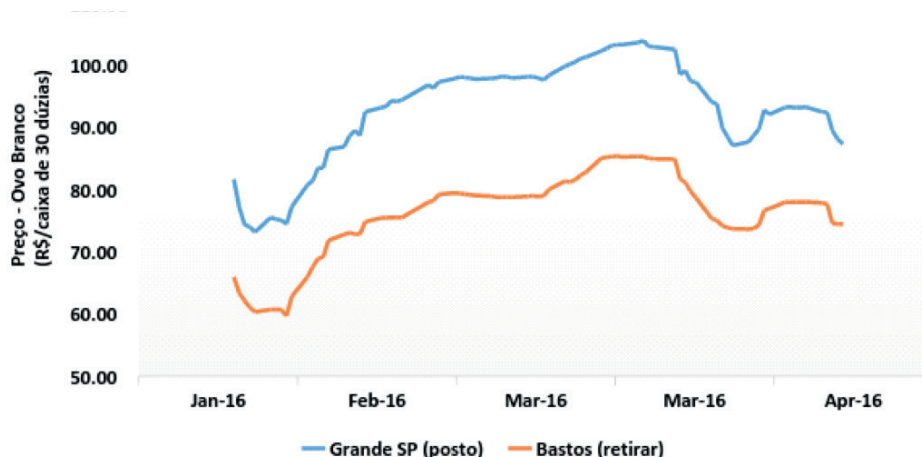


Gráfico 2. Preços da caixa com 30 dúzias de ovos, tipo extra branco, de janeiro a abril de 2016, nas regiões de Bastos/SP e Grande São Paulo. Fonte: Cepea/Esalq-USP

Para o frango, os custos de produção aumentaram em toda cadeia. Além dos preços dos insumos para a nutrição das aves, que elevou os gastos no segmento

de produção animal, a energia elétrica e a logística (especialmente transporte e armazenamento) se destacaram com reajustes aplicados para todos os elos. Em

consequência, os preços da carne no varejo, tanto para o frango inteiro quanto os cortes, seguiram elevados nos quatro primeiros meses de 2016, segundo dados

do Instituto de Economia Agrícola de São Paulo (IEA).

Já no atacado, o cenário foi inverso. Em três dos quatro primeiros meses do ano, os preços da carne de frango (inteiro e cortes) caíram na maioria das regiões, conforme levantamento do Cepea. No acumulado de janeiro a abril, o frango inteiro resfriado apresentou desvalorização de 11,8%, no atacado, na Grande São Paulo. Entre os cortes, o recuo foi de 19,2% para a asa resfriada; de 16,2% para a coxa e antecoxa resfriada; de 7,5% para

o peito resfriado; e de 4,2% para o filé de peito resfriado, em igual comparativo.

Em janeiro, a tradicional redução da demanda que ocorre em todo o início de ano, somado à maior disponibilidade interna de carne de frango já vista para um mês de janeiro, pressionaram as cotações. Em fevereiro, os preços reagiram impulsionados pelo aumento das exportações, além da retração da produção de aves, que ajudaram a enxugar os estoques domésticos. Mesmo com o bom desempenho das vendas externas, em

março e abril, os valores voltaram a recuar, refletindo a demanda interna enfraquecida e o novo aumento no volume ofertado.

A questão é que o setor não contava que os preços do milho continuassem em alta, nem que a disponibilidade do cereal fosse atingir patamares tão baixos – os preços internacionais mais atrativos para os cerealistas direcionaram as vendas do milho ao exterior.



Gráfico 3. Preços do frango inteiro resfriado no atacado da Grande São Paulo, de janeiro a abril de 2016.
Fonte: Cepea/Esalq-USP

Nesse cenário, a indústria, especialmente o segmento voltado apenas para o mercado interno, não conseguiu repassar para a carne o aumento nos custos agropecuários e industriais de produção com a mesma eficácia que o setor de ovos. Somente as empresas exportadoras se beneficiaram com os elevados valores re-

cebidos pela carne, favorecidos pela valorização do dólar frente ao Real.

Assim, apesar do preço alto no varejo, a demanda do consumidor pela carne esteve aquém do esperado, resultando em acúmulo de estoques no atacado, segundo agentes do setor consultados pelo

Cepea. Um indicador que traduz essa redução do poder de compra da população é a taxa de desemprego, que, no primeiro trimestre de 2016, subiu para 10,9%, frente aos 7,9% do mesmo período do ano passado, de acordo com a PNAD contínua, divulgada pelo IBGE. 🌱